



## **Feiras agroecológicas: um instrumento de geração de renda e autonomia para as mulheres camponesas**

*Agroecological fairs: A tool for generating income and autonomy for peasant women*

DE JESUS, Cleidineide Pereira<sup>1</sup>; SILVA, Edcleide da Rocha<sup>2</sup>; PIOVIZANI, Rosângela<sup>3</sup>; SEIBERT, Iridiani Graciele<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Movimento de Mulheres Camponesas. Email: [cleydh16@gmail.com](mailto:cleydh16@gmail.com); <sup>2</sup>Movimento de Mulheres Camponesas. Email: [edcleideprof@gmail.com](mailto:edcleideprof@gmail.com); <sup>3</sup>Movimento de Mulheres Camponesas. Email: [angelapiovizani@gmail.com](mailto:angelapiovizani@gmail.com); <sup>4</sup>Movimento de Mulheres Camponesas. Email: [iridiani1988@gmail.com](mailto:iridiani1988@gmail.com).

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR.**

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

##### **Apresentação e Contextualização da experiência**

A experiência popular apresentada neste resumo refere-se à sistematização do trabalho do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), movimento feminista, autônomo, de caráter nacional e que completa 40 anos de fundação em 2023. Com foco na atuação no fomento, disseminação e promoção da produção agroecológica como forma de valorização do trabalho realizado pelas mulheres na produção de alimentos saudáveis e diversificados e na valorização dos conhecimentos e saberes, o que culmina no fortalecimento e ampliação desta produção com vistas a geração de renda e autonomia destas mulheres e de suas famílias. Nesta experiência, utilizou-se a metodologia de entrevista semiestruturada com grupos focais de representação de mulheres camponesas de 07 estados: Alagoas, Bahia, Acre, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, totalizando 21 mulheres entrevistadas. A partir dos relatos das mulheres, busca-se analisar e apresentar o papel das feiras livres locais, municipais, de bairro e comunitárias, feiras em espaços públicos e em universidades e as entregas de alimentos diretamente aos consumidores em suas casas e/ou pontos de entrega, que as mulheres camponesas destes estados têm realizado a mais de 20 anos e com maior inserção nos últimos 05 anos. Desenvolvendo uma análise sobre como este espaço de comercialização se torna uma importante ferramenta de autonomia social e financeira, de visibilidade do trabalho e da produção das mulheres camponesas, de troca de experiências, aprendizados e diálogo com as pessoas dos centros urbanos e do poder público e de transformação das relações de gênero a nível familiar e comunitário.

##### **Desenvolvimento da experiência**

A organização das mulheres camponesas na mobilização por seus direitos, pelo direito a participação social e política e, pela superação de todas as formas de discriminação e violência, para o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC),



perpassa pela síntese destas reivindicações da pauta feminista com as reivindicações das lutas camponesas, que refletem as necessidades cotidianas do trabalho na terra, no território e na produção de alimentos, unificadas no que se entende como Feminismo Camponês Popular. Sendo a Agroecologia também um pilar das reivindicações das mulheres camponesas, como por exemplo, por reconhecimento e valorização do trabalho na produção de alimentos diversificados e saudáveis, reconhecimento e valorização dos conhecimentos produzidos, experimentados e multiplicados pelas mulheres, preservação e multiplicação da biodiversidade local e regional e o respeito e acesso aos bens naturais como sementes, terra, biodiversidade, água, ambiente saudável e equilibrado.

Outro ponto de unidade entre a ação feminista e a agroecologia se refere a autonomia e soberania sobre os territórios e o modelo de produção. Entendida em uma dimensão ampla, que perpassa por uma autonomia financeira que proporciona condições dignas de vida para as famílias camponesas, já para as mulheres esta autonomia financeira, se torna um eixo fundamental para a autonomia social e pessoal das camponesas, visto uma cultura histórica, de dependência e exclusão das mulheres do acesso ao recursos fruto de seu trabalho no campo, no roçado, no quintal, no rio, na floresta e demais âmbitos do seu trabalho, como o trabalho doméstico e de cuidados, desconhecido e desvalorizado. Sendo ainda, necessário para o desenvolvimento de ações de saída de situações de dependência econômica e de violência intrafamiliar e doméstica.

Considerando o trabalho do Movimento para a promoção da produção agroecológica em suas áreas de atuação e a necessidade de geração de renda e autonomia financeira das mulheres camponesas, busca-se a construção, identificação e inclusão das camponesas nas redes de comercialização da produção agroecológica. Neste sentido, elas passam a construir, em alguns casos, ou participar, em outros, das feiras livres locais, nos bairros e municípios como um instrumento para comercializar seus produtos, possibilitando a geração e acesso a renda direta oriunda do seu trabalho.

Para a sistematização desta experiência, utilizou-se a metodologia de grupos focais, representantes do MMC que participam das feiras livres, aplicando uma entrevista semi estruturada com 21 mulheres camponesas de 07 estados (05 de Alagoas, 05 da Bahia, 04 do Acre, 03 do Espírito Santo, 02 Paraná, 01 Santa Catarina, 01 do Rio Grande do Sul) com o objetivo de levantar informações sobre sua experiência na comercialização de seus produtos nas feiras livres ou na comercialização direta de parte de suas produções agroecológicas aos consumidores. Sendo esse um meio de autonomia, organização e independência, ao mesmo tempo, que se constroem caminhos de e para a libertação que é pessoal, mas também é coletiva, pois se torna esperança partilhada uma com as outras. 19% das entrevistadas são do norte, 47,6% são da região nordeste, 14% do Sudeste, 20,1% do Sul. Ou seja, 4 das 5 regiões do Brasil foram contempladas na pesquisa, e mais de 60% das entrevistadas foram do norte e nordeste.

Também foi objeto da entrevista a identificação do perfil destas mulheres. De sua etnia/raça e faixa etária, resultando em um quantitativo de cerca de quase 80% delas se autodeclarando mulheres negras e pardas. Especificamente, 57,1% das entrevistadas se autodeclararam pardas e 19% se autodeclararam pretas. No total das



21 entrevistadas: 01 autodeclarada indígena, 04 autodeclaradas pretas, 12 autodeclaradas pardas e 04 brancas.

Ainda dentro dessa porcentagem de dados acerca das mulheres entrevistadas foi possível observar a faixa etária das participantes, podendo observar que mais de 50% delas têm mais de 40 anos, elas se encontram em uma faixa etária média entre 44 e 59 anos de idade.

Ainda sobre a quantificação de autoidentificação das mulheres entrevistadas em quase sua totalidade declaram ser mulheres cis gênero e heterossexuais.

Também coletamos informações acerca da escolaridade das camponesas, observando-se que o acesso ao ensino formal ainda é um problema para o nosso país, ainda maior, para as mulheres do campo, apesar de alguns avanços nos últimos 20 anos. Assim, observou-se que 50% das camponesas entrevistadas, acessaram entre o ensino fundamental e médio apenas e, 50% concluíram o ensino superior. Cabe ressaltar que apenas 25% terminaram o ensino fundamental, ou seja, declaram ter terminado o 9º ano da educação básica.

Em número exatos, das 21 mulheres que responderam ao questionário para o relato de experiência: 05 não concluíram o ensino fundamental, 01 têm ensino fundamental completo, 06 concluíram o ensino médio, 01 delas está cursando uma graduação, 05 possuem ensino superior completo, 02 possuem pós-graduação e, 01 não respondeu acerca da escolaridade.

Além dos dados quantitativos, a entrevista semiestruturada conteve questões de múltipla escolha e abertas, de caráter qualitativo, onde as mulheres responderam duas perguntas que relacionam sua participação nas feiras livres e a comercialização de sua produção com a autonomia financeira, a autonomia de vida, individual e coletiva. Nesse sentido, em uma das perguntas realizadas, todas as mulheres identificam que a participação e comercialização de seus produtos nas feiras mudou sua vida para melhor.

Os dados sobre a melhoria de vida dessas mulheres ao participar das feiras, implica também dizer que essa contribuição de melhoria acontece também tanto indiretamente como diretamente para sua autonomia social e financeira e para a transformação de suas vidas, de suas famílias, associações, comunidades e municípios, já que as mesmas estão participando de feiras municipais, espaços comunitários, ou de entregas diretas ao público consumidor, ou mesmo participando da comercialização nos programas de compra direta da agricultura familiar e camponesa, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Por meio das respostas podemos identificar que cerca de 80% delas avaliam que a geração de renda direta e o poder de decisão sobre o uso dessa renda, seja para compras básicas de manutenção da família, compra de bens de uso próprio como roupas ou utensílios, equipamentos e melhorias no espaço doméstico, da casa ou do quintal de produção, que amenizam o tempo e o esforço do trabalho, despendido, majoritariamente pelas mulheres, e inclusive a reserva de recurso para outras prioridades definidas por elas, são resultados importantes, oriundos da possibilidade de comercialização da produção agroecológica das mulheres nas feiras.

Outro elemento, que se pode concluir das respostas, foi que mais de 50% das entrevistadas usam o recurso advindo da produção agroecológica e comercialização



nas feiras para além do uso pessoal e individual, o que implica dizer que ao passo que a mulher alcança sua autonomia financeira, isso tem impactos no âmbito da autonomia coletiva. Logo, a libertação da mulher implica também na libertação e quebra de violências sociais, estruturadas pelas relações patriarcais e machistas. Ter autonomia financeira para as mulheres camponesas entrevistadas é também ter poder de decisão e gestão sobre os recursos oriundos da comercialização da produção agroecológica nas feiras, definir seus usos, investimentos e prioridades. Sendo considerado por 90% das mulheres como aspecto central desta construção. Contudo, 70% delas identificam que outros aspectos da participação nas feiras são importantes para a constituição da cidadania, dignidade e direitos das mulheres camponesas. Como, por exemplo: Autonomia social e pessoal; Melhora da autoestima e autocuidado; Ocupação dos espaços públicos; Valorização do seu trabalho e conhecimento; Direito a uma alimentação saudável e diversificada; Direito a biodiversidade e meio ambiente equilibrado; Valorização da identidade camponesa, negra e indígena; Trabalho coletivo e solidário e; Superação de situações de violência doméstica. E tais aspectos puderam ser identificados na pergunta referente a como se sentiram depois de participar dos espaços de feiras e ou entregas agroecológicas, espaços que são também de convívio sociopolítico-cultural.

## **Desafios**

Foram identificados nos relatos das mulheres camponesas entrevistadas, para a participação das mulheres nas feiras livres, feiras agroecológicas:

- Infraestrutura insuficiente, precária ou inexistente para a realização das feiras (espaço público adequado, barracas de feira, banheiros, transporte entre outros);
- Grande distância entre as comunidades rurais e tradicionais dos centros das cidades, o que implica necessidade de transporte para as pessoas feirantes e transporte dos alimentos;
- Legislação sanitária incompatível com a produção de alimentos da agricultura camponesa, familiar, de comunidades tradicionais, alimentos de origem in natura e artesanal;
- Pandemia restringiu a realização e participação nas feiras e em muitos lugares houve o fechamento das mesmas e após fim da pandemia não houve condições de reabertura de vários espaços de feiras livres e agroecológicas. Desse modo, algumas camponesas tiveram que reorganizar a forma de comercialização, montando pontos de venda em frente a própria casa, e após a epidemia, muitas seguiram neste formato de comercialização individualizada e direta com o público consumidor. Garantindo uma fonte de geração de renda a fim de não haver a dependência financeira de seus esposos/cônjuges/companheiros e/ou demais familiares.

Por meio do questionário aplicado e das respostas obtidas, identificamos que a superação da vulnerabilidade socioeconômica a que estão submetidas as mulheres, somente será enfrentada de fato, a medida que o trabalho das mulheres for valorizado, e reconhecido socialmente e financeiramente, ou seja, por meio da constituição, formulação, fortalecimento e ampliação das políticas públicas que



promovam a cidadania, dignidade e participação das mulheres, desde o acesso à educação, acesso à moradia digna, acesso a trabalho formal e em condições dignas. Pois como se constatou, a autonomia financeira é meio para a ruptura de situações de discriminação e opressão, como a violência contra as mulheres. É preciso promover a participação política, social, cultural e econômica das mulheres, para a melhoria da qualidade de vida delas, em especial para a vida das mulheres camponesas para a qual a pesquisa em questão está direcionada.

### **Principais resultados alcançados**

Os resultados alcançados podem perpassar por duas dimensões: a qualitativa e a quantitativa. A perspectiva relativa a uma dimensão quantitativa, que se refere aos números reais do montante da produção realizada, da produção comercializada e do montante econômico alcançado, não é foco direto deste relato. Já a perspectiva quantitativa que analisa os elementos relacionados aos direitos e melhoria da vida das mulheres, são o foco central desta pesquisa e formam os pontos dos resultados que apresentamos a seguir. Seguem alguns resultados apresentados nos relatos das 21 mulheres camponesas dos 7 estados:

- Autonomia Financeira: Se refere a ter dinheiro próprio sobre o qual tem se o poder de decidir sobre seu uso, destinação e prioridades;
- Autonomia feminina: Se trata de ter condições de ir e vir, ter liberdade de decisão e de escolha;
- Valorização do conhecimento: Espaço de troca de sementes, plantas, produtos saudáveis, de conhecimentos e saberes tradicionais experimentados e multiplicados pelas mulheres historicamente na agricultura;
- Ocupação do espaço público: Se refere a ter um espaço de socialização com outras pessoas, espaço de troca e partilha de conhecimento, experiências e aprendizados coletivos;
- Autoestima feminina: Se trata de ter condições de cuidar de si mesma, comprar roupas novas, realizar ações de estética e passar a realizar autocuidado;
- Valorização do trabalho: Reconhecer o trabalho realizado pelas mulheres na produção de alimentos saudáveis e agroecológica;
- Direito a alimentação saudável: Autoconsumo das famílias e comercialização de alimentos saudáveis, de qualidade, que promovem a saúde de produtores e consumidores;
- Superação de situações de violência doméstica: Sair de situações de dependência financeira, de submissão e de violência doméstica e ter segurança emocional e pessoal;
- Identidade camponesa: Valoriza a identidade da mulher camponesa, mulher negra, indígena, trabalhadora rural, feirante;
- Trabalho coletivo e solidário: Promove ações de doação de alimentos saudáveis, ações de troca e doação de produção entre as feirantes, atividade de organização e trabalho coletivo para realização das feiras;



- Direito ao meio ambiente equilibrado: Promove o bem viver, o cuidado com o meio ambiente e potencializa as redes locais de comercialização e distribuição de alimentos.

Percebe-se, a partir dos resultados sistematizados, que a autonomia financeira das mulheres, oriunda da comercialização da produção agroecológica nas feiras, é fator gerador da libertação de gênero, raça de desigualdade socioeconômica. Na experiência, da comercialização das mulheres nas feiras e comercialização direta com os consumidores, também nos levam a apontar que os espaços das feiras, como conhecemos hoje, alcançam diversas dimensões, as quais, fortalecem economias familiares, mas também comunitárias, municipais e regionais, assim como o desenvolvimento social, cultural, histórico e econômico regional e nacional.

### **Disseminação da experiência**

Essa experiência é disseminada para outros grupos de mulheres camponesas organizadas no MMC a nível das comunidades, territórios onde as mulheres residem, nos municípios junto aos grupos de base do movimento, a nível estadual e nacional nas atividades realizadas pelo Movimento. Também é disseminada nas redes locais, regionais e estaduais de agroecologia e em atividades de seminários, oficinas e encontros de agroecologia a nível local. Fortalecendo os grupos existentes e dando visibilidade a estas experiências que estão inseridas em um contexto de organicidade social e política das mulheres do MMC.

Experiências como as das mulheres camponesas organizadas, são experiências a serem disseminadas igualmente semeadas, quando colocadas em solo fértil e agroecológico. Elas multiplicam-se, e são partilhadas, bem como a missão de libertação das mulheres, como obra das próprias mulheres para o bem coletivo humano e da mãe natureza.

Sem dúvida esta experiência pode ser disseminada em diferentes âmbitos e espaços organizados ou abertos de mulheres e mistos para demonstrar a importância das feiras livres e agroecológicas para a geração de renda e autonomia das mulheres camponesas, como uma experiência a ser conhecida e replicada em outras localidades e regiões do país.